

## GEOGRAFIA DE ENCONTROS GEOGRAFIAS FICTÍCIAS

Geography of meetings fictional geographies

Geografía de encuentros geografías de ficción

**Karina Rousseng Dal Pont<sup>1</sup>(BR)**

Programa de Pós Graduação em Educação da  
Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC)  
e-mail: karinardalpont@gmail.com

### Resumo

O que pode a arte contemporânea frente aquilo que parece não se mover nos mapas escolares? Esse é o combate proposto nesta pesquisa de doutorado em educação, que busca na "mobilidade das fronteiras" entre educação, cartografia e arte contemporânea, ultrapassar as fronteiras disciplinares, reunindo esforços ao criar vacúolos no que já está dado como pronto na cartografia escolar, especificamente em suas metodologias de ensino. A obra de Mayana Redin, Geografia de Encontros (2009-2011), será o ponto de partida para a criação de intervenções em dois ambientes de formação, a Escola de Educação Básica Irineu Bornhausen e o Curso de Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina, ambas localizadas em Florianópolis (SC), lócus de experimentação com os processos criativos da artista, e com o que parece não se mover na cartografia escolar. Inspirados em Carlos Drummond de Andrade, os desdobramentos desses encontros nos incitam a refletir sobre os encantamentos que há muito tempo deixaram de habitar a escola e seus espaços de aprendizagem. Assim, a criação artística é tomada como combate, e as imagens produzidas nas intervenções como produtoras de outras formas de habitar o mundo pelas cartografias inventadas.

Palavras-chaves: educação; arte; cartografia; encontros.

---

<sup>1</sup> Bolsista CAPES e membro da Rede de Pesquisa Imagens, Geografias e Educação, Polo Santa Catarina, articulado ao grupo Geografias de Experiência, vinculado ao Laboratório de Estudos e Pesquisas de Educação em Geografia/Lepegeo/Faed/Udesc.



## Resumen

Lo que puede hacer el arte contemporáneo frente aquello que no parece moverse en el plano de las escuelas? Esa es la propuesta en esta investigación doctoral en educación que busca el programa "Movilidade das Fronteiras" entre educación, cartografía y el arte contemporáneo atravesando las fronteras multidisciplinaria. Reunir el esfuerzo al crear vacuola que ya está listo en la cartografía escolar específicamente en sus métodos de enseñanzas. La obra de Mayana Redin : "Geografia de Encuentros" (2009-2011), será el punto de partida para la creación de intervenir en dos ambiente de formación. Estás serán la Escuela de Educación Básica Irineu Bornhausen y el Curso de Geografia de la Universidad de Estado de Santa Catarina. Ambas están localizadas en Florianópolis (SC) lugar de experimentación con los procesos de creación del artista y con el que no parece moverse en la cartografía escolar. Inspirada en Carlos Drummond de Andrade, los desdoblamientos de esos encuentros nos provocan a reflejar sobre los encantos que hace mucho tiempo dejó de existir en las escuelas y sus espacios de aprendizajes. Así, la creación artística es tomada como combate y las imágenes producidas en la intervención como productoras de otras formas de habitar el mundo por las cartografías inventadas

Palabras clave: educación; arte; cartografia; encuentros.

## Abstract

What could be possible for the contemporary art in spite of what seems to remain stuck in the school maps? This is the battle proposed in this doctoral research in education, which aims to cross disciplinary boundaries through the borders mobility between education, cartography and contemporary art; pooling efforts to create vacuoles on what is already taken as ready in the school cartography, specifically in their teaching methodologies. Thus the work of Mayana Redin, Geografia de encontros (2009-2011) will be the starting point to create interventions in two graduation environments, Escola de Educação Básica Irineu Bornhausen and the Course in Geography at the University of the State of Santa Catarina, both located in Florianópolis/SC, as experimental spots with the artist's creative processes and what seems to not move forward in the school cartography. Inspired by Carlos Drummond de Andrade, the outcomes from these meetings encourage us to reflect upon the enchantments that long ago ceased to inhabit the school and its learning space. So, artistic creation is taken as a battle, and the images produced in the interventions, as producers of other ways to inhabit the world through the invented cartographies.

Keywords: educacion; art; cartography; meetings.



## INTRODUÇÃO, OU O PRIMEIRO ENCONTRO

*Nasci numa tarde de julho, na pequena cidade onde havia uma cadeia, uma igreja e uma escola, bem próximas umas das outras, e que se chamava Turmalinas. A cadeia era velha, descascada na parede dos fundos, Deus sabe como os presos lá viviam e comiam, mas exercia sobre nós uma fascinação inelutável [...] A igreja também era velha, porém não tinha o mesmo prestígio. E a escola, nova de quatro ou cinco anos, era o lugar menos estimado de todos. Foi ali que nasci: na sala do 3º ano [...] A aula era de geografia.*

*Carlos Drummond de Andrade, Um escritor nasce e morre, 2012.*

Nos trechos escolhidos do conto de Drummond, a relação do menino de nove anos com a aula de geografia da professora D. Emerenciana Barbosa denota que algo muito encantador o afetou a ponto de anunciar seu nascimento como escritor. A escola, mesmo sendo o lugar “menos estimado de todos”, foi o espaço de encontro do menino com a escrita provocado pela professora, no modo como conduzia a aula e apresentava o mundo aos seus alunos, utilizando apenas um quadro-negro e a oralidade:

*[...] A professora traçava no quadro-negro nomes de países distantes. As cidades vinham surgindo na ponta dos nomes, e Paris era uma torre ao lado de uma ponte e de um rio, a Inglaterra não se enxergava bem no nevoeiro, um esquimó, um condor surgiam misteriosamente, trazendo países inteiros (Drummond, 2012, p.118).*

Podemos pensar a aprendizagem a partir da ideia de encontro (Corrêa; Chilemi, 2014), e do que ele

produz em nós. O aluno encontra nos lugares apresentados pela professora a escrita, uma forma de expressar as vibrações que o atravessam. E, ao ser tomado por essa força, o pensamento e a imaginação o deslocam para outras paisagens do mundo.

*De repente eu nasci, isto é, senti necessidade de escrever. Nunca pensara no que podia sair do papel e do lápis, a não ser bonecos sem pescoço, com cinco riscos representando as mãos. Nesse momento, porém, minha mão avançou para a carteira à procura de um objeto, achou-o, apertou-o irresistivelmente. Escreveu alguma coisa parecida com a narração de uma viagem de Turmalinas ao Polo Norte. (Drummond, 2012, p.118).*

Corrêa e Chilemi (2014) nos incitam a pensar os encontros que realizamos com as coisas e os outros ao longo da nossa vida como potências capazes de nos levar para outros lugares, a ponto de conhecermos as coisas e ficarmos alegres, apaixonados. Segundo os autores, não dizemos e/ou apresentamos nada se não estamos apaixonados por um tema. Esses encontros acontecem em diversos espaços: com os livros, autores, cinema, música, com as pessoas, com a arte... O que fazemos com esses encontros exprime uma forma de nos relacionarmos com o que acontece no mundo, ou com aquilo que o mundo faz de nós (Corrêa; Chilemi, 2014).

O sentido de encontro justifica a apresentação deste texto – parte do processo de pesquisa de doutorado em andamento – e o problema construído para esta pesquisa, qual seja, o ensino da cartografia nas escolas



e as limitações do mapa. De acordo com Oliveira (2007, p. 19),

*O mapa é definido, em educação, como um recurso visual a que o professor deve recorrer para ensinar Geografia e que o aluno deve manipular para aprender os fenômenos geográficos; ele não é concebido como meio de comunicação, nem como uma linguagem que permite ao aluno expressar espacialmente um conjunto de fatos; não é apresentado ao aluno como uma solução alternativa de representação espacial de variáveis que possam ser manipuladas na tomada de decisões e na resolução de problemas (Oliveira, 2007, p. 19).*

É precisamente ao tratar das limitações oferecidas pela cartografia científica em informar sobre fenômenos que se dão num espaço estático que a obra da artista contemporânea Mayana Redin, e sua série de desenhos Geografia de encontros (2010-2011), delineiam uma sutil aproximação com outras possibilidades das quais a cartografia escolar pode se apropriar. Nesse sentido, acredita-se que o encontro entre a cartografia escolar e a arte pode estabelecer “combates àquilo que impede o pensamento de variar, de derivar, de delirar em outras direções que poderiam vir a ser potentes para se inventar outras maneiras de se habitar o mundo” (Oliveira Jr., 2013, p.304).

Assim, desejando habitar o mundo de outros modos, buscarei nas experiências que tive na escola que frequentei os combates ali experimentados com os limites criados pelas áreas disciplinares de conhecimento, com seus territórios consolidados, que impediam e ainda impedem o pensamento de variar (Oliveira, 2013). Não

se trata de depreciar a escola, ao contrário, refiro-me às aulas que mais me fascinaram e alegraram naquele espaço, no qual permaneci grande parte da minha vida – dizer de quando nasci, tal como o menino de Drummond.

Na escola, as aulas de Educação Artística (como se chamavam na época) eram as linhas de fuga em relação às outras disciplinas – que imobilizavam meu corpo e minha mente por meio dos suportes que as constituíam: transmissão de informações, estratégia de fixação de conteúdo, respostas prontas a questionários, contas de matemática que não justificavam tanto esforço, leitura privilegiada dos textos do livro didático, mapas difíceis de interpretar, ou que apenas localizavam países, estados, municípios (principalmente Estados Unidos e a antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, pois eu estava na escola no início dos anos 1990). Sem contar as estratégias de avaliação que repetiam as desnecessárias ferramentas metodológicas das aulas: provas escritas, provas orais, enfim decorebas cujo um único sentido era gerar números ao final de cada bimestre, e classificar meu aprendizado.

Lembro-me de uma cena muito marcante na 7ª série: nas aulas de geografia, a professora, em seu esforço para dinamizar a aula, realizava provas orais valendo-se de uma estratégia que consistia em colocar dentro de um saco de pano vermelho as cinco regiões do Brasil. Individualmente, nos dirigíamos até a mesa dela e enfiávamos a mão no saco, e, dependendo da região sorteada, deveríamos então anunciar, diante de todos os colegas, os estados e suas respectivas capitais, sem olhar o livro... Como desejava sortear a região Sul!



No quadro de horários, as aulas de artes aconteciam, na maioria das vezes, ao final das tardes de sexta-feira, e eram as que mais me alegravam na semana. Saíamos das salas de aula tradicionais, com suas carteiras enfileiradas, paredes monocromáticas, vidros altos e translúcidos que nos impediam de observar o que se passava fora delas, para um ateliê de arte que ficava num espaço anexo. Repleto de fotografias de obras de artistas variados, pincéis, tintas, máscaras, cores, era nesse espaço que os encontros aconteciam: era por onde eu escapava e, de acordo com Jorge Larrosa (2006), exercitava minha capacidade de criar silêncio após tantas aulas que exigiam de mim justamente o oposto. Ali era onde eu criava outros territórios de aprendizagem, e liberava a imaginação ao tentar desvendar pela foto que a professora nos mostrava o que havia por trás dos bigodes de Salvador Dalí, e o que aqueles olhos esbugalhados do artista catalão miravam tão perplexos...

A mediação da professora, provocada pelas releituras de obras de artistas de diversas épocas da história da arte, o estudo das ferramentas e das cores, texturas e técnicas artísticas, bem como a apresentação das biografias de alguns artistas repletas de paixão, dores, fracassos, sucessos e cores me fascinaram durante os anos em que permaneci naquela escola. Eram os melhores noventa minutos da semana.

A importância de voltar aos cenários da escola onde estudei remete aos espaços que percorro nessa pesquisa de doutorado: a escola, a cartografia escolar e a arte. Trata-se de uma pesquisa em educação que

busca, na “mobilidade das fronteiras” (Hissa, 2002, p. 15) entre educação, cartografia e arte contemporânea, ultrapassar as fronteiras disciplinares, reunindo esforços ao criar vacúolos no que já está dado como pronto na cartografia escolar, especificamente em suas metodologias de ensino.

Neste artigo, apresento os caminhos investigativos criados com a obra Geografia de Encontros (2009-2011) de Mayana Redin, e os processos de intervenção realizados no ano de 2013 em dois ambientes de formação – a Escola de Educação Básica Irineu Bornhausen, e o Curso de Geografia da UDESC, ambos localizados em Florianópolis (SC) –, além das primeiras reflexões derivadas das intersecções entre essas duas experiências.

## GEOGRAFIA DE ENCONTROS

Mayana Redin, artista brasileira, trabalha com desenhos e

*constrói geografias fictícias, encontros impensados. Mares, montanhas, ilhas, buracos negros, vales e penhascos são alguns elementos que integram seus trabalhos, realizados em nanquim, grafite, aquarela, ou ainda, por meio de vídeos e instalações (Ramos, 2011, p. 211).*

Durante a 8ª Bienal do Mercosul (2011) apresentou uma instalação com desenhos intitulada Geografia de Encontros (Figura 01). Trata-se de uma série de desenhos em nanquim sobre papel vegetal sobrepostos (29,7 cm x 42 cm) em que a artista





Figura 01: Geografia de encontros. Série de desenhos. Montagem na 8ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, 2011.  
Fonte: Mayana Redin (blog da artista)

*cria cartografias a partir da sobreposição de lugares e paisagens – ou das linhas que circunscrevem suas formas e definem suas fronteiras. São essas abstrações, limites observáveis apenas no papel [...] que escrevem as aproximações promovidas pela artista (Ramos, 2011, p. 212).*

Trata-se de encontros ficcionais entre lugares reais que a cartografia oficial jamais possibilitaria. Dentre eles, "Encontro de países sem mar" (2011), ou "Mônaco encontra a Rússia" (2011) (Figura 02).

Nestas obras, a desobediência às regras de configuração de um mapa oficial, como a ausência de es-

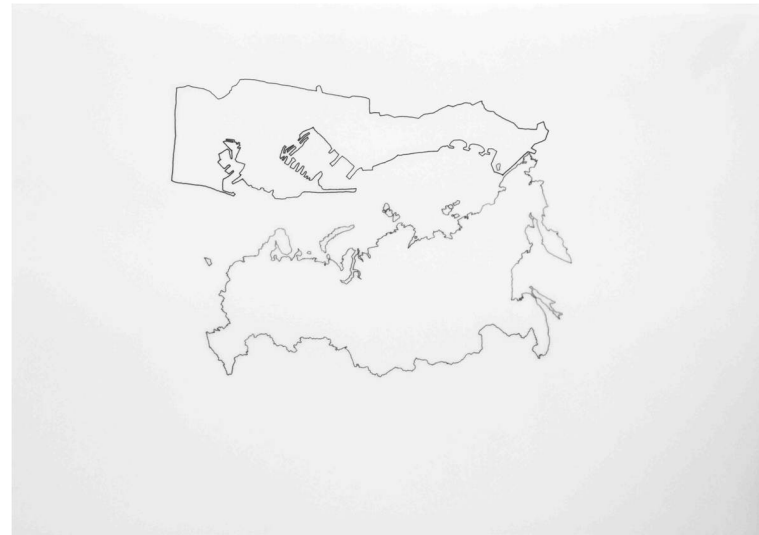


Figura 02: Mônaco encontra a Rússia, 2011. Nanquim sobre papel vegetal, 29,7cm x 42 cm.  
Fonte: Ramos, 2011, p. 212. Foto: Cristiane Geraldelli.

calas, legendas, fontes e cores, coloca sob suspeita a dimensão de univocidade dos mapas oficiais na representação do espaço. Assim, é possível, de acordo com Simielli (2007, p. 71), ir além de "tratar a cartografia simplesmente como um meio de transmissão de informação" sobre o espaço, dando a impressão de que este é apenas uma superfície, uma esfera de uma completa horizontalidade (Massey, 2008, p. 160). Apostamos que a arte pode mais, principalmente no nível das sensações, ao friccionar a cartografia escolar, e, também, num movimento contrário, ser friccionada por ela, provocando outros modos de produzir pensamentos sobre o espaço ao desfazer a rigidez da técnica e dos proces-



sos de produção de representações sobre ele. Ou seja, ao nos aproximar da arte, interessa-nos, assim como a Rancière (2009) quando aproxima o desenvolvimento das artes “mecânicas” (fotografia e cinema) da “nova história”,

*[...] passar dos grandes acontecimentos e personagens à vida dos anônimos, identificar os sintomas de uma época, sociedade ou civilização nos detalhes ínfimos da vida ordinária, explicar a superfície pelas camadas subterrâneas e reconstituir mundos a partir de seus vestígios (Rancière, 2009, p. 49).*

No caso específico do tema da pesquisa, trata-se de dar poder aos alunos e professores, sujeitos que utilizam a cartografia científica em sala de aula, para que se tornem fazedores de mapas e de mundos.

## **ATLAS ESCOLAR E “O MODO CERTO” DE REPRESENTAR O MUNDO**

As experiências realizadas durante as aulas introdutórias de geografia com uma turma do 7º ano do Ensino Fundamental e com alunos da 6ª fase do curso de Geografia, a partir da obra de Mayana Redin, propiciaram algumas discussões sobre as verdades produzidas pela cartografia oficial sobre o espaço: por que, nos mapas, a Europa sempre está no centro? Quais são as relações da escala com a realidade? Se o mundo é dinâmico, por que utilizamos sempre o mesmo mapa e da mesma forma para representá-lo? Podemos alterar os mapas? Podemos produzir as nossas formas de cartografar o mundo? Tais perguntas foram necessárias ao

considerarmos o processo de alfabetização cartográfica como uma forma que tende a limitar os sentidos da cartografia. Pois a cartografia, tal como é ensinada nas escolas, deriva de uma ideia cartesiana e positivista em que o espaço é tomado como superfície, e a imagem reproduzida nos mapas utilizados em sala de aula como única verdade. E o mais preocupante, segundo Oliveira (2007, p. 18), é que

*[...] os mapas escolares são reproduções dos mapas geográficos. O que ocorre é que os pequenos lêem os mapas dos grandes, os quais são generalizações da realidade que implicam uma escala, uma projeção e uma simbologia espaciais e que não tem significação para as crianças.*

A partir da experiência realizada com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental durante as aulas introdutórias, no início do ano letivo de 2013, buscou-se provocá-los sobre quais seriam as finalidades e funções dos mapas para a formação de um pensamento espacial. Com esse intuito, propusemos uma atividade que consistia em escolher os países que gostariam de conhecer através do uso do atlas escolar (que, além de um globo terrestre e alguns mapas temáticos, é o único recurso que a escola oferece para aulas de geografia) e, em duplas, promover um encontro entre eles, buscando, após esse encontro, analisar o que esses países possuíam em comum.

*Num primeiro momento o silêncio [...]. A proposta foi repetida como tentativa de esclarecer o pedido. Novamente o silêncio [...]. Aos poucos, uma pequena movimentação iniciou-se em busca de, no atlas, encontrar o que a professora havia*



*solicitado. Silêncio [...]. Alguns minutos depois as primeiras falas começaram timidamente a surgir: "mas o modo certo de fazer isso é desenhar como está aqui no atlas, não é professora?" Ou, "profe, o mar nos mapas é sempre azul, né?" (Caderno de campo, 14 de fevereiro de 2013, s/p).*

Ao manusear os atlas para encontrar seus países, os alunos se depararam com dúvidas quanto ao lugar escolhido, se era país, estado ou cidade. "Ah quero conhecer a África", alguém gritou do fundo da sala. "Mas a África é o que professora?". "Quero conhecer os Estados Unidos, porque a cantora Adele é de lá". "Já sei Disneylândia!", outro se manifestou eufórico. "Vou para a França, minha mãe morou lá antes de eu nascer, ela diz que é lindo lá. Tem até um mapa que ela guarda em casa de lá". "Meu tio mora em Dublin". E, assim, as referências familiares, ou de um gosto musical (mesmo que Adele seja inglesa e more em Londres), deram sentido ao pedido inusitado numa aula de geografia. Inusitado não só pela demora em compreenderem o que havia sido solicitado, mas pela possibilidade de deslocarem coisas naqueles velhos e empoeirados atlas da biblioteca e criarem outras cartografias.

Em alguns deles faltavam páginas, outras estavam coladas com fitas e os contornos de alguns países acentuados tantas vezes por lápis que pareciam até mapas em braile – muito provavelmente de tanto serem usados para a realização dos decalques em papel vegetal. Tanto que a maioria dos alunos procurou, num primeiro momento, obedecer à lógica dos mapas como decalques da realidade, como no caso da Figura 03, *O mar nos mapas é sempre azul*:

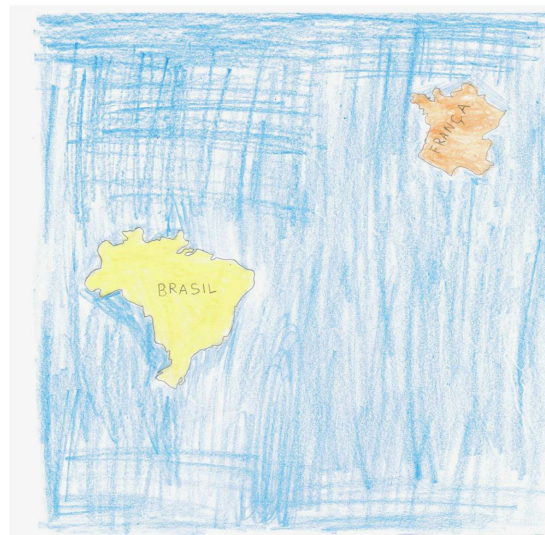


Figura 03. O mar nos mapas é sempre azul, 2013. Papel sulfite e lápis de cor.  
Fonte: Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da EEB Irineu Bornhausen, 2013.

Aos poucos, ao longo da atividade, alguns começaram a demonstrar, nas cartografias apresentadas, a desobediência às regras da cartografia oficial, tal qual a artista Mayana Redin traz em suas obras. Assim é que, em *O Brasil encontrou o México* (Figura 04), os alunos argumentam a posição invertida afirmando que ambos "são países pobres, porém o Brasil ainda é mais rico que o México, por isso ficou em cima". Já em *Maranhão encontrou o Rio Grande do Sul* (Figura 05), ainda que o pedido fosse para que escolhessem países que gostariam de conhecer, os dois alunos resolveram realizar



um encontro entre os estados que marcaram o começo de suas vidas e deixaram as saudades da família.

Em outras obras selecionadas podemos perceber a busca em demonstrar como os alunos se deslocariam de um país ao outro, como em *Da Rússia à França de bicicleta*, (Figuras 06). Havia a curiosidade em percorrer os atlas com os dedinhos sobre o continente americano para saber se era possível sair da Bolívia e ir até o Alasca (parte do território estadunidense) de carro (Figura 07): “Ah profe, é um pouco longe mas acho que chegaremos lá”.

Os alunos do Ensino Fundamental, sem ter acessado intensamente a série de desenhos da artista Maya-



Figura 04: Brasil encontra o México, (2013. Folha sulfite, lápis e caneta vermelha.

Fonte: Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da EEB Irineu Bornhausen, 2013.

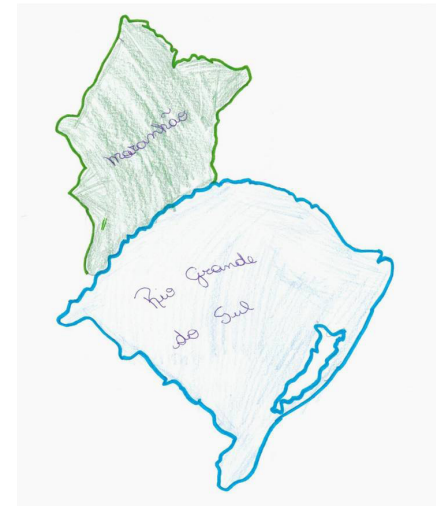


Figura 05: Maranhão encontra o Rio Grande do Sul, 2013. Folha sulfite, lápis de cor e caneta hidrocor.

Fonte: Alunos do 7º ano do E.F. da EEB Irineu Bornhausen, 2013.



Figura 06: Da Rússia à França de bicicleta, 2013. Folha sulfite, lápis de cor, cola e recortes de revista.

Fonte: Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da EEB Irineu Bornhausen, 2013.



Figura 07: Bolívia encontra o Alasca de carro, 2013. Folha sulfite, lápis de cor, cola e recortes de revista.

Fonte: Alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da EEB Irineu Bornhausen, 2013.

na Redin, criaram suas “geografias fictícias” (Ramos, 2011, p. 211), tal qual a artista a partir dos movimentos das referências oficiais da cartografia, invertendo os sentidos das formas absolutas que os atlas representam sobre o mundo, e não apenas interpretando as informações dadas por eles.

### AS DIFICULDADES EM PERDER-SE COM UM MAPA NAS MÃOS

No segundo semestre de 2013, fui convidada para dar uma palestra aos alunos que cursam a disciplina de Didática Especial da Geografia, da 6ª fase do curso de Geografia da Universidade do estado de Santa Catarina (UDESC). Na palestra, falaria sobre meus processos de pesquisa, além de oferecer uma oficina voltada às práticas de ensino na escola. Nesta etapa

do currículo, que forma ao mesmo tempo bacharéis e licenciados em Geografia, os acadêmicos estão se aproximando da escola via o Estágio Curricular Supervisionado, e já cursaram quase metade das disciplinas do curso. Utilizando o mesmo sentido da proposta realizada anteriormente na escola, optei em continuar utilizando *Geografia de encontros* (2011) baseada ainda na obra da artista Mayana Redin. Em duplas, a proposta era promover encontros entre países que desejassem conhecer, justificar a escolha e construir um título para a obra. Para isso, foram entregues aos alunos folhas de papel vegetal, que também é a base dos desenhos da artista em sua série, e cópias de planisférios políticos (pois na universidade não havia atlas para todos usarem, e os mapas temáticos eram da época da União Soviética); utilizamos ainda um mapa-múndi projetado sobre o quadro-negro.

Nesta ocasião, os silêncios deram lugar aos conhecimentos específicos que estudantes desta área já possuem, como noções da cartografia oficial pelo aparecimento de escalas, mesmo não tendo sido solicitado (Figura 10), a manutenção das proporções entre os países (Figuras 09 e 11), questões de geopolítica, como na obra *Mapão com calma* (Figura 08), em que o nome do bombardeiro que lançou as ogivas nucleares sobre o Japão apareceu na interpretação do aluno sobre o fim da II Guerra Mundial, ou ainda em *E se a corrida nova o oeste fosse para o norte?* (Figura 10), em que México e Estados Unidos aparecem numa fusão territorial, fazendo desaparecer fronteiras entre territórios tão bem demarcados na realidade. Em *Altos e baixos, um encontro*



entre Holanda e Nepal (Figura 09), as acadêmicas justificaram o encontro entre o país mais alto e o mais baixo valendo-se da altimetria, e também pelas disparidades econômicas entre eles.



Figura 08. Mapão com calma, 2013. Papel vegetal e caneta esferográfica azul.  
Fonte: Aluno da 6ª fase do Curso de Geografia da UDESC, 2013.



Figura 09. Altos e baixos, um encontro entre Holanda e Nepal, 2013.  
Papel vegetal, lápis grafite e lápis de cor.  
Fonte: Alunos da 6ª fase do Curso de Geografia da UDESC, 2013.



Figura 10: E se a corrida nova o oeste fosse para o norte? 2013.  
Papel vegetal, lápis de cor e lápis grafite.  
Fonte: Alunos da 6ª fase do Curso de Geografia da UDESC, 2013.





Figura 11: Em busca de um sonho, 2013. Papel vegetal e lápis grafite.

Fonte: Alunos da 6ª fase do Curso de Geografia da UDESC, 2013.

Ao analisar os encontros que os acadêmicos, quase geógrafos, realizaram em suas obras e os títulos escolhidos, encontramos referências às leituras do cotidiano acadêmico, bem como a manutenção da ordem cartográfica para suas produções, havendo inclusive um cuidadoso processo de reprodução dos limites territoriais, ao mesmo tempo em que buscaram justificar as escolhas dos países trazendo para a reflexão questões que envolvem a geopolítica, características físicas, econômicas, etc., sem contar as preocupações com as desigualdades no mundo.

Nessas experiências, a intersecção com as experimentações provocadas pela investigação dos processos criativos da arte contemporânea, a partir do en-

contro com a série de desenhos de Mayana Redin, e as situações cotidianas que as práticas de ensino envolvem, pode ser o convite à elaboração de outras leituras espaciais, políticas, econômicas para os alunos do Ensino Fundamental e também para os acadêmicos do curso de Geografia. Ao tratar dessas conexões como combates (Oliveira Jr, 2013) é possível olhar para os mapas não como fórmulas prontas ou únicas sobre o espaço; é possível se apropriar da arte como criação de outras cartografias, indo além das funções de leitura e comunicação que a cartografia escolar teima em reproduzir. Subtrair do mapa e do ensino de cartografia sua função instrumentalizadora e agregar a imaginação, a sensibilidade, o afeto e a criação sobre um espaço complexo a partir das imagens proporcionadas por esse exercício – criar geografias fictícias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: OUTROS ENCONTROS

Neste momento, retorno ao cenário descrito no início do texto para justificar a importância daqueles encontros de infância com as aulas de arte, encontros na escola que proporcionam, hoje, a busca pelo contato com a arte contemporânea em meus processos de pesquisa. Gostaria de ressaltar que, nos últimos anos, o encontro com a arte se deu intensivamente em dois momentos diferentes: numa proposta de formação cultural com os alunos do curso de Pedagogia no ano de 2010, quando organizamos uma viagem a São Paulo para percorrer alguns museus e visitar a 29ª Bienal, e,



posteriormente, numa visita particular a 8ª Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, no ano de 2011.

A potência da arte frente a temas comuns à Geografia, como política, economia, fronteiras espaciais, fez reverberar possibilidades de abrir a cartografia escolar e suas formas únicas de dizer sobre o espaço e seus fenômenos geográficos. A arte atravessa esta pesquisa pela busca intensiva de outros elementos que possam colocar, de acordo com Preve (2010), o mapa sob suspeita e criar resistências à cartografia científica. Na vizinhança do processo criativo dos artistas, está o trabalho de solapar a confiança nas maneiras pelas quais a cartografia científica é utilizada na escola. As escolhas dos rastros dos artistas, os traços, cores, texturas, desenhos ampliam o imaginário e possibilitam cartografar o espaço, e aquilo se passa nele, de um outro lugar. Possibilita-nos encontrar a cartografia científica de outro modo, e desacomodar o nosso olhar da representação espacial.

Ao buscar uma educação menos modelar a partir dessas experiências, deseja-se criar/encontrar

*linhas em que se afirma a aprendizagem experimental como aprendizagem da variação dos modos, fazendo ressoar no pensamento a complicação implicada na vida, levando-o ou obrigando-o a exercer sua potência máxima: pensar (GODOY, 2006, p. 133).*

Desse modo, as experiências realizadas no Ensino Superior e Fundamental se alinham mais aos combates propostos por Oliveira Jr (2013) do que à produção de um leitor de mapas que possa decodificar a linguagem técnica-cartográfica.

Valeria perguntar: esses encontros irromperam outras cartografias no ensino de geografia? Considerando o longo caminho que esta pesquisa ainda tem a percorrer, talvez, nesse ponto, seja impossível responder a essa questão, mas apenas retornar à epígrafe deste texto, ao percebermos, minimamente, nas intervenções realizadas, algum encantamento dos alunos com a cartografia, tal qual a professora D. Emerenciana Barbosa provocou no jovem escritor em suas aulas de geografia.



## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. Um escritor nasce e morre. In: **Contos de aprendiz**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 118-123.

CORRÊA, Guilherme; CHILLEMI, Margaret. Oficina "Aprendizagens: o estar junto e o fazer com o outro". In: COLÓQUIO IBERO-AMERICANO DE EDUCOMUNICAÇÃO, III., **Anais...** Universidade do Estado de Santa Catarina, maio de 2014.

GODOY, Ana. Conservar docilidades ou experimentar intensidades. In: PREVE, Ana Maria Hoepers; CORRÊA, Guilherme (Orgs). **Ambientes da ecologia**: perspectivas em política e educação. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007. p. 121-138.

HISSA, Cássio Viana. **A mobilidade das fronteiras**: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana**: danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política de espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA, Livia de. Estudo metodológico e cognitivo do mapa. In: ALMEIDA, Rosangela Doin de (Org.). **Cartografia escolar**. São Paulo: Contexto, 2007. p. 15-42.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao M. de; GIRARDI, Gisele. Diferentes linguagens no ensino de Geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICAS DE ENSINO DE GEOGRAFIA, XI., **Anais....** Goiânia, Universidade Federal de Goiás, 2011. (CD-Rom)

OLIVEIRA JÚNIOR, Wenceslao M. de. Combates e experimentações – singularidades comuns. In: FERRAZ, Cláudio B.; NUNES, Flaviana G. (Orgs). **Imagens, Geografias e Educação**: Intenções, dispersões e articulações. Douros: Editora da UFGD, 2013. Disponível em: <<http://www.ufgd.edu.br/editora/e-books/imagens-geografias-e-educacao-intencoes-dispersoes-e-articulacoes-claudio-benito-ferraz-e-flaviana-g.-nunes-orgs>>. Acesso em: 08 jun. 2014.

PREVE, Ana Maria Hoepers. **Mapas, prisão e fugas**: cartografias intensivas em educação. 2010. 267f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2010.



RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Trad. Mônica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

RAMOS, Alexandre Dias (Coord.). **8ª Bienal do Mercosul**: ensaios de geopoética. Catálogo. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

REDIN, Mayana. **Mayana Redin**. Disponível em: <[www.mayanaredin.blogspot.com.br](http://www.mayanaredin.blogspot.com.br)>. Acesso em: 08 jun. 2014.

